

## CORPO DE SEXUALIDADES, *G MAGAZINE* E PERCURSO DE LEITURA DO OLHAR<sup>1</sup>

Lucas Nascimento<sup>2</sup>

### Considerações iniciais

A tese de doutorado em Linguística, que nomeamos por “**Insinuações da Carne: Ordem da Imagem e Sentidos do Olhar** – Por questões de leitura de fotografia digital da *G Magazine*”, orientada pela Dra. Tania C. Clemente de Souza, financiada pelo Programa de Doutorado Nota 10 da FAPERJ, apresenta uma pesquisa que oferece contribuições teóricas e analíticas para a Análise do Discurso (AD) ao trazer uma imagem de capa da *G Magazine* (edição de maio de 2010), alguns momentos de sua circulação *online* na sociedade, um experimento de leitura da imagem dessa capa por rastreamento ocular e algumas fotografias que apresentam a relação **nudez, semi-nudez e não-nudez**. O experimento foi realizado por uma pergunta final “Há nudez na imagem?” e foi motivado pela circulação de discursos ancorados em leituras de afirmações de que havia nudez ora na *drag queen*, ora nos *gêmeos modelos*, ora no *ensaio fotográfico*.

Na seção da tese “Rosto, Corpo, Nudez – Análises discursivo-policrômicas”, desenvolvemos o entendimento do que possa ser nomeado como *imagem cosmética*. Seu contexto de produtividade teórica se dá diante de próprias particularidades: ao considerar um produto pelos modos de produção discursiva, que se relacionam com alguns níveis como sua constituição e formulação e com a posterior circulação, certas perguntas que nos moveram na pesquisa são inquietações específicas do próprio LABEDIS (*Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som* – sede no Museu Nacional/UFRJ) e de alguns analistas de discurso, estudiosos da materialidade sincrética: como ler a imagem? Como a mídia, o marketing e a publicidade se relacionam com estratégias discursivas ao produzir um resultado para a sua circulação?

Com essas questões, produzimos a expressão *imagem cosmética* para podermos analisar o funcionamento imagético da capa publicitária e suas leituras, que entram na ordem do discurso e na sua forma de circulação.

### Imagem cosmética: rosto, corpo, nudez

A expressão *imagem cosmética* nomeia uma modalidade praticada por alguém que, ao ser fotografado, ou ao produzir imagem, som, etc., por exemplo, está visivelmente exigido: por aquele que

---

<sup>1</sup> Agradecemos à Faperj pelo financiamento da pesquisa (processo E-26/200.564/2018). Agradecemos também ao Lapex-UFRJ (Laboratório de Psicolinguística Experimental), coordenado pelo Dr. Marcus Maia, e aos auxílios de Lorrane Medeiros e Sara Ribeiro para a execução e o tratamento dos dados referentes ao experimento de rastreamento ocular. Agradecemos ainda à Dra. Lilian Ferrari pelas sugestões de leituras e pelos diálogos durante a escrita da pesquisa.

<sup>2</sup> Doutor, UFRJ, LABEDIS – *Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som* – Museu Nacional/UFRJ.

demanda a produção do trabalho, assim como pelo sistema de circulação que o produto se tece. Esse produto midiático se constitui como uma forma de responder à demanda pela tentativa de maquiar uma superfície com cores, formas e traços de modo a torná-la bela aos olhos do outro. Aquele que produz nessa modalidade cosmética se baseia em uma posição enunciativa, cuja enunciação retroage aos padrões estéticos, estilísticos, socioculturais, grupais e comerciais sobre a sua produção. Trata-se de um sujeito que está colado aos artefatos, artifícios ou estratégias de produção de outro qualquer, de uma referência que faz sentido ao mercado, às exigências e aos grupos específicos de demanda. Este outro para qual o produto se dirige atento às suas exigências também se formula e se constitui por elementos da cultura específica e é alvo da circulação de produção. Diante disso, as exigências podem ser atendidas por elementos disseminados livremente e constituídos como unidade fulguracional e, portanto, imagética, estética, valorativa, sedutora, etc.

Ao nos referirmos às exigências publicitárias, por exemplo, levamos em conta *identidades* de designer de produção, de engenheiro de produção ou de marqueteiro e publicitário. Essas *identidades* se estruturam na relação com o outro, com específicos valores construídos por específicos grupos, o que a faz dependente desses valores para obter circulação, aceitação e prazer. Nesse sentido, o sujeito dessas *identidades* pensa naquilo que ele supõe ser o desejo do outro, adesivando-se a esse suposto desejo e, ao se adesivar, supõe realizar o que o outro possivelmente deseja. Ao supor atender o que o outro deseja, apropria-se dessa enunciação do “suposto” outro para organizar e produzir o produto a ser circulado, por meio da apreensão de elementos, de resquícios, de traços, que são tomados por ele como contornos à formação do produto final. Nesse processo, ocorre que o sujeito produtor consegue produzir uma **paráfrase**, dando contornos ao produto e obtendo uma espécie de **máscara** (SOUZA, 2013), não uma máscara no sentido de objeto, mas no sentido da significação de uma máscara, ou seja, *uma representação que queira militar, afirmar, corroborar sentidos de oposição ou afirmação, de tomada de partido, de assunção, injunção, injúria, defesa, deboche ou extravagância*.

Na produção publicitária e midiática, a produção a ser circulada se relaciona com o saber e com o(s) desejo(s) do outro, de um grupo, de uma instituição, etc., de modo a se alterar muito nos dias de hoje, cuja atualidade implanta condições que corroboram em múltiplas fragmentações e alterações conforme escolhas, utilidades e *modus operandi*. Nessa perspectiva, pressupõe-se que o ato de produzir se dispõe do exercício de lidar com a produção de algo que preencha a falta do outro, aquilo que não se sabe ou não se compreende, enfim, algo da **ordem da incompletude** que seja preenchida pela **ordem da imagem e sentidos do olhar** que tragam prazer. Para tanto, essa produção precisa se atentar para atender o desejo – que vem do lugar da falta – frente àquilo que vem da imaginação do que possa agradar o outro, o grupo, a instituição, etc. Portanto, é preciso acentuar a importância ao outro, ao público ou ao alvo, uma vez que a relação do produto sincrético (imagético, sonoro, tátil, etc.) com o alvo – obtido pela esfera da circulação – não pode conter falhas e sim conter perfeições e contexto de idealizações, a fim de obter a satisfação do desejo, o sucesso de seu gozo, e a aceitação do outro, do grupo, da instituição, etc. Essa satisfação está na ordem do que é impossível de ser satisfeito, do fetichismo, ou, ao menos, do possível de ser satisfeito para

aquele que banca a sua realização e sustenta a sua prática, na condição de sustentação de uma subjetividade desejanste, nem que seja momentânea, instantânea, ou apenas realizável pela imaginação.

Diante disso, há alternativas quando há a demanda da produção. Uma delas é a da criação, permissão, reiteração dos desejos, pela qual o produto é filiado a uma linha de produção autêntica, profissional, que envida esforços para produzir algo que preencha a falta do outro, de modo a oferecer a *satisfação de* ou a *satisfação por*, construindo uma elaboração na qual algo da subjetividade do outro, do grupo, da instituição, etc., seja colocado no trabalho, na produção, no produto circulante. Outra é a via de reforçar a repetição, a reiteração da moral e dos bons costumes, a proibição do fetichismo (*a-fetichê*), na qual se faz um produto simulacro e comum ao modo do que já se tem e já se fez no mercado.

A seguir, vemos a imagem de capa publicitária já mencionada.



A capa em questão tem riqueza em elementos que ajudam a problematizar **as representações de gênero e sexualidade** e a entender certas formações discursivas que (in)formam determinados entendimentos sobre essas esferas de nossa vida. Além disso, traz para o escopo da AD a necessidade de se atentar para o não verbal (i. e. o âmbito semiológico na relação discurso e história por meio da 'policromia', da 'memória alegórica' e da 'memória semântica', por exemplo).

Nesse sentido, a proposta de tese tem seu potencial por agregar conhecimento novo à área (Análise de Discurso). Pautada por questões importantes, atravessadas nos níveis epistemológico, teórico, metodológico e analítico, elas são intervindas um tanto radicalmente para que a pesquisa de fato possibilitasse mais visibilidade aos seus próprios potenciais.

### ***Insinuações da carne... sobre os níveis teórico, epistemológico e metodológico***

Diante de seus potenciais, temos:

**Sobre o nível teórico:** a tese demonstra o pertencimento à disciplina Análise do discurso em que se encontra, com uma visão de comprometimento com o diálogo entre teorias buscadas para melhor produção analítica dos objetos eleitos em cada investimento científico, mesmo que o funcionamento possa estar meio à contradição e ao equívoco, pois se entende que esses dois aspectos promovem, sobremaneira, o lugar de entremeio, lugar de avanço de leitura e de análises do analista do discurso, rompendo com meros iniciais progressos e potencializando o que se encaminha para evoluções urgentes entre as áreas do saber. No entanto, a tese não tem como foco ter proficiência na Teoria *Queer*. Há proposições de diálogos. Há entrelaços. Ora aparecerão muito timidamente, ora não, pois, de fato, a pesquisa se desenvolve em Análise do Discurso, entendida em pontos de diálogo entre Michel Pêcheux, Michel Foucault e Jean-Jacques Courtine.

Esclarecemos ainda que não optamos por desistência de aproximar a AD de teorias, postulados e outras disciplinas também atuais – caso da Teoria *Queer* e da Linguística Cognitiva, por exemplo. Entendidos como campos do saber que apresentam pontos de aproximação (e de distanciamento, o que justifica a existência de cada campo), isso pôde ajudar a engravidar os conceitos produzidos como **imagem cosmética** e **escrita fotográfica**, de forma profícua. Nesse contexto, podemos perguntar: o que outros campos podem contribuir para a AD? e o que a AD pode contribuir para outros campos dialogados, aqui? Afinal, “a teoria *queer* é um exercício em análise do discurso, pois considera seriamente o significado das palavras e o poder da linguagem” (Giffney, 2009, p. 7). Mesmo sabendo que suas origens anglo-saxãs distanciam a teoria *queer* da proposta francesa de AD, em vários sentidos, esse é um dos desafios enfrentados, de modo que propiciou mostrar para a AD um modo de esgarçar seus limites teórico-analíticos a partir de conceitos da TQ e de suas pretensões **antiessencializadoras** e **desontologizadoras**. Para tentar fazer essa aproximação teórica, mesmo que breve e iniciante, o esforço foi para responder como conceitos da AD como memória, formação discursiva, interdiscursividade, paráfrases visuais, entre outros, podem ter relações com performance, performatividade, estilização, multimodalidade, por exemplo. Esse diálogo entre áreas nem sempre é bem-vindo para receptores conservadores, o que temos ciência, mas não corroboramos com pesquisas hegemônicas, ortodoxas e “fechadas em próprio casulo”, por termos em vista às exigências de produção das ciências, já apontadas em meados da metade do século XX. Até mesmo as nomeadas áreas matemática, química e física precisaram ouvir das áreas quânticas sobre a inexistência da exatidão, muito ainda confiável por cérebros resistentes ao que vem se alertando pela interdisciplinaridade científica.

Com relação às pretensões **antiessencializadoras** e **desontologizadoras**, os leitores poderiam se perguntar da provável impossibilidade, uma vez que a presença do descompasso por envolver nesta pesquisa um experimento de rastreamento ocular. O provável descompasso é desfeito pela atitude de tratamento dos dados dos seis grupos (heterossexuais, homossexuais e bissexuais) de leitores homens e mulheres, cujo teor foi fomentar a polissemia do olhar que desestabiliza sentidos igualáveis e circunscritos em modelos formatados, como se houvesse adestramento do olhar dos sujeitos plurais, como identificado em um homem do grupo heterossexual que teve seu percurso de leitura do olhar com maior duração para a

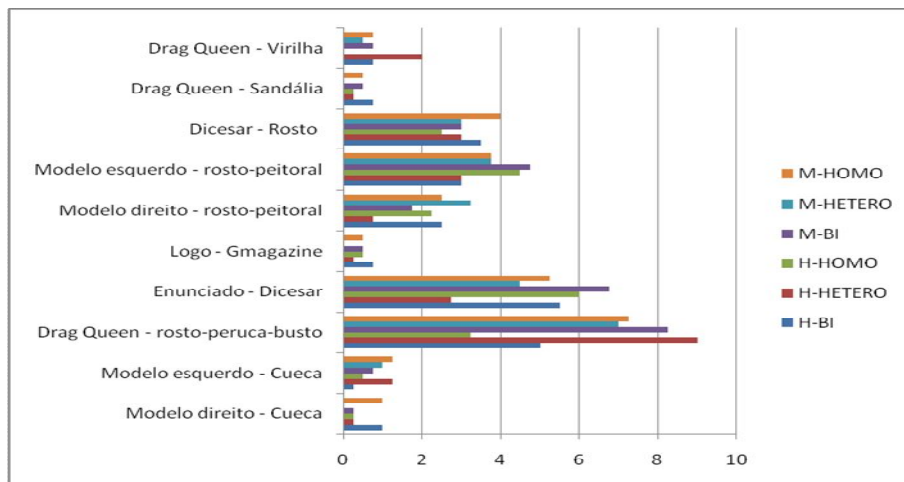
cueca do modelo direito da fotografia digital de capa da revista, ou para o rosto do modelo esquerdo que apresenta aparente sorriso de felicidade, ou ainda para as áreas 'peitoral' e 'músculos' como *bíceps* e *tríceps* do modelo direito, que levemente está com o rosto que espelha um tanto de seriedade – uma alma com aparência de contenção e silêncio. Bom, acreditamos que ganhos foram contemplados quando a *história do rosto* foi presentificada na pesquisa – exprimir e calar emoções constituíram as ações de análises com um pouco mais de curiosidade, função corroborada na vida deste analista do discurso que tem a *curiosidade científica* (para lembrarmos palavras de Gaston Bachelard!), sempre presente, independente de quaisquer tempestades existenciais. Assim, as leituras buscadas por alguns autores de relevância para a temática da pesquisa, que envolveu **rostos, corpos, nudez** em fotografia digital publicitária de uma revista de diversidade sexual, forneceram subsídios para que pudéssemos engrossar o diálogo entre as áreas dialogadas e, por conseguinte, aumentar o potencial das contribuições teóricas e analíticas que na proposta de tese se mantiveram em latência.

**Sobre o nível epistemológico:** aquelas pretensões **antiessencializadoras** e **desontologizadoras** se fizeram úteis e coerentes com a proposta de tese, mesmo que ainda esteja atrelado – de forma pontual em poucas seções – a um modelo expressivo da identidade (ou seja, a identidade como expressão de algo interior, como algo inerente aos indivíduos que a expressam por seus atos – em outras palavras: “falo A, B ou C porque sou X, Y ou Z”). Isso pôde ficar um pouco desfeito nas nossas escolhas textuais. Reconhecemos que a imagem sobre a identidade se constrói pelo olhar do outro. Corroboramos com a ideia de que são comuns no texto expressões identitárias tais como “Eis a *drag queen*” – sob risco de leitura por engano devido à escolha percorrida que o levou a caminho oposto do sentido do efeito artístico imputado àquelas expressões. Tanto tem efeito artístico que o *collant*, a peruca e a sandália indicam a *drag* como porta bandeira ao lado de seus gêmeos modelos gaúchos. Veja que a porta bandeira está exatamente com vestuário de cores que acionam a memória discursiva da bandeira do movimento LGBTQ+, construção que permite acionamos também a memória alegórica (SOUZA, 2000).

Disso resultam as escolhas, portanto, do tratamento de sujeitos como homens e mulheres, esfacelando – politicamente pelo uso da sutileza – a categoria de heterossexualidade quando às análises investiram (nada ingenuamente!) no percurso de leitura do olhar do sujeito M. A., aquele do grupo dos homens heterossexuais. A ancoragem de leitura com *heat map* na cueca puderam, ao menos, construir possibilidade de caminhar pela via da confirmação de nudez (por isso a chegada na área da cueca do modelo esquerdo) ou pela via da confirmação de desejo pela nudez, pulsão erótica por descobrir o dote masculino do modelo mais olhado, conforme a comprovação no gráfico sobre a porcentagem de áreas de interesse das leituras.

A seguir, apresentamos o gráfico em barras que apresenta a média de duração total de fixação (escala horizontal de 0 a 10) em cada das 10 áreas de interesse (escala vertical de 1 a 10).

**Gráfico 1 – TFD (*total fixation duration*) – duração total de fixação em cada área de interesse**



Aí os efeitos são políticos e as normas reguladoras, ou “as próteses de regulação do corpo”, são aparências que não refletem nada como espelho ou muito menos como metáforas. A **metaforização do olhar** é o efeito político inscrito no sentido da polissemia do olhar. O resultado dessa defesa nos leva a inferir que a performance e a performatividade são efeitos de sentido no corpo e pelo corpo, garantia argumentativa que temos pelo percurso de leitura dos quatro corpos imagetivamente construídos pelo digital: a *drag queen* Dimmy Kieer, o modelo esquerdo, o modelo direito e o Dicesar (no monitor da televisão).

A leitura da imagem como texto, em que esse texto é a unidade do discurso de negação da nudez, se deu por sujeitos-participantes dos cinco grupos. A escolha majoritária foi percorrer a leitura do olhar de modo que a historicidade dos sentidos confirmasse a negação da nudez na imagem de fotografia digital. De apenas outro modo, a leitura de nudez apaga a possibilidade de afirmação das formas do discurso de seminudez e não-nudez. Com esta leitura de nudez masculina se tem o fortalecimento de discursos acelerados e descontrolados ao incentivo do ódio, da ira e da violência, em prol de uma nação conservadora, sexista e opressora às minorias (que não são mais tanto assim minoritárias) relutantes ao silenciamento, ao calar e ao direito da própria existência humana. As leituras de nudez masculina não apagam o discurso machista e os efeitos de sentidos daí derivados e postos em circulação – rumo ao *desmantelamento atual sócio-político* do ativismo LGBTQ+, ensejado por uma proposta político-eleitoral fascista, para que a luta pelo reconhecimento da diversidade de gênero e de sexo seja dissolvida pelo ar, ficando apenas nas lembranças do passado de um Estado minimamente democrático, solidificado por avanços de um governo pelos trabalhadores, cuja história recente deste novo século pôde ser vivida pelos brasileiros.

**Sobre o nível metodológico:** para o entendimento da nudez masculina nessa duração histórica (primeira década do século XXI, exatamente o ano de 2010), foi preciso se valer da análise do discurso ancorada do momento de produção científica de Michel Pêcheux em seus textos a partir de 1980, inclusive

em seu texto póstumo (PÊCHEUX, 1984), que reconhece o comprometimento da AD e da inevitável contradição sobre os compartilhamentos inevitáveis, cujo resultado é o funcionamento pelo futuro de sua própria existência, que, pelo lado de cá do oceano (não mais na França com reverberações frutíferas!), vem com muita força sendo feita.

Na esteira do que fizemos nesta tese foi tocar na arena polêmica entre AD e Cognição. Com atitude corajosa, apontamos para o que disse Pêcheux (1984, p. 227): “*a contradição em abordagem sob o estatuto do sujeito no discurso*, caso da Psicologia Cognitiva e da Psicologia Intelectiva, de encontro a Psicanálise (Lacanianana, por exemplo)”. Com essa posição, buscamos na Linguística Cognitiva, ao adotar para análise as dimensões das várias facetas do *construal* (construção do significado), o que nos possibilitou investigar a polissemia do olhar pela relação semântico-discursiva em percepção visual de leitura de fotografia digital. Chegamos à metaforização do olhar, uma vez considerado os resultados de *gaze plot* como **percurso de leitura do olhar**.

### Considerações finais

Para os **sentidos do olhar** interpretarem a ordem da imagem, isso requereu específicas indagações teóricas: (1) nomear a **imagem cosmética** (os materiais fulguracionais que organizam a ordem da imagem da *drag queen* e suas próprias marcas peculiares que compõem o artístico e o performático) como elemento de gramaticalidade visual; (2) nomear o **percurso de leitura do olhar** (suas zonas demarcadoras em tempo de duração, espaço da área de interesse e circunstâncias de enunciação visual e sua própria ordem e desordem: formas policrômicas, construção de movimento causado, extensão metafórica, polissemia e metaforização) como elementos de textualidade; e, por fim, (3) reconhecer a **escrita fotográfica** (seus elementos estéticos e cosmetológicos, formações discursivas e a ordem do discurso visual) como elemento de discursividade da imagem que permite leituras. Com tais investidas teóricas, analisamos a *Drag queen* Dimmy Kieer notadamente como gênero, como acontecimento que constroi identidade e arte e materializa discursivamente a riqueza da singularidade de sua memória alegórica como porta bandeira LGBTQ+. Para isso, corroboramos com a noção de gênero como uma performance, que, por sua vez, é performativa, visto que “a *drag queen* é um exemplo paradigmático da performatividade (BUTLER, 1999), pois em sua teatralização de gênero no palco há uma dissonância entre sexo, gênero e desejo [e] não há nenhuma relação linear necessária entre sexo e gênero e, assim, mostra algumas das fissuras na matriz de inteligibilidade discutida anteriormente” (Borba, 2014, p. 460).

**Insinuações da carne é uma metáfora política** inaugurada para sustentar a coragem da questão da tese, cuja resposta de leitura da fotografia digital como imagem-discurso recobre a imagem-muda que fetichiza a leitura, desorganiza a imagem e polimiza os sentidos do olhar por contradições, que materializam discursivamente a ordem do *o político*. Assim, **a leitura de imagem é política!** O esforço presente e futuro para compartilhamentos da Análise de Discurso, entre suas tradições e novos diálogos – a exemplo, com a Linguística Cognitiva, a Linguística Experimental e o campo da sexualidade – foi investimento lucrativo de



maneira a sustentar a análise discursiva de imagem. Além disso, a leitura é dependente de percurso do olhar, materializado por formações discursivas em disputa pela dominância do funcionamento da construção do movimento causado. A causa é da ordem da **autoria do olhar!** Essas elaborações interessaram, em demasia, a (des)construções da materialidade dos corpos em práticas linguísticas, discursivas e nada mais que imagéticas.

## REFERÊNCIAS

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cadernos Pagu*, n. 43, p. 441-474, jul./dez. 2014.

GIFFNEY, Noreen. Introduction: the “Q” word. *In*: GIFFNEY, Noreen; O'ROURKE, Michael (ed.). *The Ashgate Research Companion to Queer Theory*. Farnham: Ashgate, 2009. p.1-13.

PÊCHEUX, M. [1984]. Especificidade de uma disciplina de interpretação (A Análise do Discurso na França). *In*: ORLANDI, Eni (org.). PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discorso*: Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 227-230.

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Carnaval e Memória: das imagens e dos discursos. *Revista Contracampo*, Niterói, v. 5, p. 140-156, 2000.

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Discurso e cinema: (i)materialidades discursivas e efeitos metafóricos. *Revista CASA*, Araraquara, v. 11, p. 23-37, 2013.